

# O EIDÉTICO E O EMPÍRICO NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

William B. Gomes \*

## RESUMO

O estudo revê o argumento teórico de método fenomenológico ( o eidético ) e examina a viabilidade de sua práxis ( o empírico ). Assim, está organizado em três partes ( 1 ) reconstitui o argumento teórico da fenomenológica e sua proposta da possibilidade de uma ciência rigorosa; ( 2 ) indica as possibilidades de operacionalização do método fenomenológico aplicado à psicologia e por extensão às ciências humanas; e ( 3 ) ilustra a aplicação do método fenomenológico com a apresentação resumida de uma pesquisa empírica.

Psicologia fenomenológica pode ser simplesmente definida como a aplicação do método fenomenológico para a psicologia. O método fenomenológico é uma abordagem ou orientação filosófica preocupada com a estrutura da consciência e experiência. Assim, os fenômenos são intuídos, analisados e descritos da maneira como aparecem na consciência.

A psicologia fenomenológica, embora preocupada com a estrutura da experiência consciente, não pode ser confundida com a introspecção. A introspecção interessa-se na redução da experiência para os mais simples elementos mentais, ou seja, para sensações, sentimentos e imagens. Preocupa-se, assim, em achar, atributos como qualidade, intensidade e duração para sensações, sentimentos e imagens. Não se preocupa, portanto, em relacionar o objeto de estímulo e o significado da experiência. Ao contrário, fenomenologia não permite reduções da experiência, mas interessa-se na descrição do objeto e no significado da experiência ( Misiak e Sexton, 1973 ).

A pesquisa fenomenológica é acusada freqüentemente de atacar o empiricismo, objetivismo e cientificismo sem, contudo, oferecer uma alternativa viável ou delineamento para uma investigação sistemática. McGuire (1979) vê nestas críticas repetitivas uma indicação de fraqueza e confusão da teoria fenomenológica. Rychlak (1981) acredita que os fenomenólogos estão demasiadamente presos a uma pureza crítica, isto é, a uma preocupação com distorções descritivas devida a contaminações teóricas. Isto acontece, diz o Autor, porque os fenomenólogos não entenderam ou entenderam mal o método científico. Continua Rychlak, "fe-

\* Departamento de Psicologia — UFRGS

nomenólogos querem mudar o método científico ( validação da experiência ), porque acreditam que este método não pode captar a experiência fenomenal espontânea ( pura )" ( p. 755 ). Para o Autor, fenomenólogos confundem metodologia com ideologia, o que não é possível, ele diz, desde que "método é livre de teoria" (sic) ( p. 755 ).

Este estudo pretende rever o argumento do método fenomenológico ( o eidético ) e examinar a viabilidade de sua práxis ( o empírico ). Assim, está organizado em três partes. Na primeira, onde examina a questão eidética, reconstitui o argumento teórico da fenomenologia, a saber, a proposta de uma ciência humana que seja rigorosa, sistemática, sistêmica, empírica e eidética. Na segunda, onde examina a questão empírica, indaga a adequabilidade, funcionalidade e veracidade do método fenomenológico. Em outras palavras, procura saber quando e como deve ser aplicado o método fenomenológico e qual é sua credibilidade ou confiabilidade. Por último, ilustra as discussões da primeira e segunda parte com um exemplo empírico da pesquisa fenomenológica.

### PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: A QUESTÃO EIDÉTICA

A fenomenologia tem conotações diferentes para diferentes filósofos. A fenomenologia de Husserl não é a mesma de Scheler, ou Heidegger, ou Sartre, ou Binswanger, ou Merleau-Ponty ( Strasser, 1980; Kockelmans, 1967 ). Com efeito, estes filósofos modificaram a fenomenologia de Husserl. Para esclarecer alguns mal-entendidos sobre o conceito de fenomenologia, é necessário começar definindo o termo "fenômeno". "Fenômeno" é entendido diferentemente por fenomenólogos e cientistas naturais. Os últimos entendem "fenômeno" como uma aparição subjetiva, enquanto, para os primeiros, "fenômeno" é o que eu percebo ( Strasser, 1980 ). Strasser usa o exemplo do fenômeno da luz para ilustrar a questão. Ele vai dizer que, para o físico, luz não é o que eu percebo mas um aparecimento subjetivo. E o que é luz ? O físico vai buscar nas suas teorias os postulados que explicam luz como ondas e partículas ou talvez representá-la através de alguma fórmula matemática. Para o fenomenólogo, luz é o que eu percebo visualmente sem julgamentos ou teorização. Este objeto é ao que o fenomenólogo refere-se como consciência imediata.

Psicologia fenomenológica é, portanto, diferente da filosofia ou mesmo da fenomenologia transcendental, que é um método filosófico interessado na essência das coisas e no conhecimento da realidade última. Psicologia fenomenológica concentra-se em procedimentos empíricos para explorar a consciência imediata e experiência.

A problemática entre psicologia fenomenológica e empiricismo, objetivismo e cientificismo, começa com o trabalho de Husserl. Kockelmans (1967), no seu artigo "Husserl's original, view on phenomeno-

logical psychology", oferece um sumário abrangente e elucidativo do pensamento de Husserl sobre o tema. Para o Autor, Husserl não é contra o empiricismo como tal, e sim, é contra a maneira como foi formulado pela psicologia tradicional. Para Husserl, diz Kockelmans, psicologia está interessada no estudo da consciência enquanto um ser empírico no mundo. Esta relação com o mundo é constituída numa posição espaço-temporal que é a corporificação. Esta agência empírica manifesta-se através da intencionalidade na experiência. Kockelmans informa que para Husserl a psicologia empírica falha em apreender as relações entre consciência e experiência nos seguintes fatores: (1) Concentra-se no fato como tal; (2) preocupa-se em manter um paralelismo com as ciências naturais; (3) constitui-se em observações e achados experimentais incapazes de considerar a pureza da experiência; e (4) entende temporalidade-espacial da corporificação num sentido físico.

Dois dos fatores referidos acima merecem atenção especial. São eles: pureza da experiência e a temporalidade-espacial da corporificação. Husserl reconhece a necessidade de uma psicologia, mas que é possível somente através de descrição da experiência imediata enquanto manifesta na consciência em sua pureza. Por pureza, Husserl refere-se à suspensão de qualquer pressuposição teórica ou experimental como ponto inicial de análise. Isto é o que ele chama de análise pura. A psicologia empírica usa conceitos de tempo e espaço na perspectiva da ciência natural. Temporalidade imanente, que é tempo e presença para o sujeito, não pode ser equacionado como tempo objetivo. Tempo objetivo é a forma extensional de todas as realidades objetivas. O dado psicológico não tem uma forma unitária de coexistência e sucessão. Ele flui como aparece na consciência.

Para Husserl, a psicologia fenomenológica é a *a priori* e descritiva, eidética e empírica, e intencional e transcendental. É *a priori* porque descreve um mundo preexistente sem qualquer interferência imaginável como uma pura ciência natural. É eidética, porque é uma reflexão onde as generalidades e tipicalidades do dado psicológico ( experiência ) aparecem sem a interferência dos pensamentos e valores momentâneos. É empírica, porque identifica essências pré-existentes. É intencional, porque revela a consciência, que constitui a organização da experiência.

Husserl apresenta a psicologia fenomenológica como uma ciência empírica e eidética. É empírica, porque pressupõe o mundo, e é eidética, porque busca entendê-lo. A combinação empírico e eidético é, para Husserl, a condição necessária e suficiente para qualquer disciplina rigorosamente científica.

Como uma ciência eidética, a psicologia fenomenológica encontra a combinação do "Ego-Cogito-Cogitatum" onde o objeto ( Cogitatum ) do ato consciente ( Cogito ) é também uma pessoa consciente

( Ego ). O Ego torna-se empírico ( Cogitatum ) através da manifestação de sua intencionalidade.

Na redução fenomenológica, o dado psicológico ( experiência ) submete-se a redução transcendental. Para Husserl, a redução de essências para pura consciência constitui-se numa intersubjetividade onde outros Egos similares são apreendidos. É através da intersubjetividade que o psicólogo encontra a universalidade de sujeitos diferentes numa interfusão de atos conscientes.

Heidegger aceita a relevância do retorno para as coisas, mas foge ao idealismo transcendental de Husserl. Para Heidegger, a função da fenomenologia é distinguir o sentido fenomenal do fenômeno vulgar ( Spiegelberg, 1972 ). A contribuição de Heidegger ( 1962 ) para a psicologia fenomenológica é mais ontológica do que metodológica. A temática ontológica evidencia-se nas referências para medo ( "Furcht" ), ansiedade ( "Angst" ) e cuidado ( "Sorge" ). Spiegelberg ( 1972 ) afirma que o impacto dos trabalhos de Heidegger na psicologia é "colateral baseado, em parte, num mal-entendido do seu objetivo central" ( p. 191 ). Em termos metodológicos, Heidegger oferece sua fenomenologia hermenêutica onde coloca como maior função da fenomenologia a interpretação ou desvendamento do sentido. Merleau-Ponty ( 1964 ) refere-se à teoria de Heidegger como havendo "mantido-se fixada em sua tese de oposição pura e simples entre filosofia e ciências do homem" ( p. 94 ).

Merleau-Ponty ( 1964 ) resume a psicologia fenomenológica nos seguintes termos:

Husserl sempre sentiu que a psicologia preocupava-se com um tipo muito distinto de conhecimento. Não era indutiva no sentido que esta palavra assume para os empiricistas, nem era reflexiva no sentido filosófico tradicional — ou seja, um retorno para o *a priori* que vai determinar toda a forma de experiência humana. Pode-se dizer, na verdade, que o conhecimento psicológico é uma reflexão que, ao mesmo tempo, é uma experiência. De acordo com o fenomenólogo ( Husserl ) é um material *a priori*. Reflexão psicológica é uma 'constatação'... sua tarefa é descobrir o sentido do comportamento através de um contato efetivo com meu próprio comportamento e o dos outros. Psicologia fenomenológica é, portanto, uma pesquisa de essências ou sentido, mas não a parte dos fatos. Finalmente, esta essência é acessível somente dentro e através da situação em que aparece. Quando levada aos seus limites, a psicologia eidética torna-se analítico-existencial ( p. 85 ).

Para nosso interesse, ou seja, a aplicação do método fenomenológico para a psicologia, a última parte da citação acima merece destaque.

Representa a contribuição de Merleau-Ponty para a psicologia fenomenológica no sentido de colocar o sujeito na situação emergente. Lanigan (1982) diz que, enquanto Husserl trabalha com uma relação espaço-temporal no sujeito ( a pessoa aqui e agora ), Merleau-Ponty situa este sujeito como presença no mundo. E esta é a natureza existencial da fenomenologia de Merleau-Ponty.

Para Spiegelberg ( 1972 ) a psicologia, embora uma constante nos escritos de Merleau-Ponty, não é consistente e independentemente elaborada como tal. Merleau-Ponty concentra-se quase sempre na problemática da percepção e sensação, que para ele são indistinguíveis. Sua maior contribuição, de acordo com Spiegelberg ( 1972 ), é a concepção de comportamento como organizado numa Gestalt que "abraça ambos os fenômenos externo e interno numa inter fusão inextrincável" ( p. 25 ). Em outras palavras, é o encontro da objetividade e da subjetividade na intencionalidade. Neste sentido, consciência empírica é intencionalidade como revelado no comportamento.

Merleau-Ponty ( 1964 ) define psicologia como:

Certamente não indutiva no sentido empírico do termo... nem a priori no sentido de uma reflexão que não deve nada para o contato do psicólogo com o fato e a situação que ele está tentando clarificar. Mais do que isso, psicologia tende a confiar numa leitura disciplinada do fenômeno que nasce tanto em mim quanto no resultado inerente do significado do comportamento humano ( p. 95 ).

Amadeo Giorgi ( 1974 ) vê nos trabalhos de Merleau-Ponty um embasamento para a unificação da psicologia através de uma metapsicologia. Ele diz:

Merleau-Ponty tomou a psicologia seriamente e usou seus fatos para reformular a filosofia. A mais importante lembrança a seu respeito, contudo, é que ele foi um pensador verdadeiramente original que não deixou nada que entrou em contato intocável. Assim, enquanto se fundamenta em psicologia Gestalt, quando escreve a seu respeito, a transforma; enquanto influenciado pela Psicanálise, quando a aplica ao seu trabalho, a enriquece; enquanto não concorda com a direção que tomou o behaviorismo watsoniano, foi ainda capaz de afirmar sua intuição fundamental e expressá-la fenomenologicamente de uma maneira simpática. Sua habilidade para dar a cada ponto de vista o que é devido e extrair-lhes os melhores 'insights' sem ser ao mesmo tempo cego para seus limites é fantástico ( Giorgi, 1974, p. 54 ).

Para Giorgi ( 1974 ), Merleau-Ponty usa psicologia para clarificar a filosofia e, assim fazendo, clarificar a própria psicologia.

Merleau-Ponty extrai, das descobertas psicológicas, fenômenos relevantes, tais como percepção, linguagem, comportamento e conhecimento para criar uma linguagem que expressará nosso saber sobre esses fenômenos de forma mais abrangente ( p. 75 ).

Giorgi vê a contribuição de Merleau-Ponty na direção de uma unidade em psicologia, de duas maneiras: (1) na sugestão de uma linguagem mais compatível com a natureza da disciplina e (2) no relacionamento de pesquisas através de níveis ( uma indicação de similaridades e diferenças entre estruturas sincréticas e simbólicas ) e tipos ( psicologia Gestalt, psicanálise e psicologia social ).

Outro fenomenólogo constantemente mencionado na literatura é Jean-Paul Sartre. De acordo com Spiegelberg ( 1972 ), a contribuição de Sartre para a psicologia fenomenológica é mais de encorajamento e ênfase sobre temas existenciais do que sobre procedimentos técnicos. Seu trabalho merece atenção pela força existencial de seus escritos e peças teatrais e sua preocupação com liberdade e escolha.

Strasser ( 1980 ) examina o relacionamento entre fenomenologia e as ciências humanas e conclui que uma ciência humana empírica é possível. Ele diz:

É possível não porque é, em fato, desejável, mas porque pode ser obtido de maneira significativa. Mais especificamente, pode ser obtido de tal maneira que é justificado empiricamente e, ao mesmo tempo, permanecer uma ciência humana. Em outras palavras, os termos empírico e humano não são conceitos contraditórios. ( Strasser, 1980, p. 203 ).

### **PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: A QUESTÃO EMPÍRICA**

A primeira parte do estudo preocupou-se em definir a transição da fenomenologia enquanto reflexão filosófica para fenomenologia enquanto práxis psicológica. Mostrou, então, que a fenomenologia reconsidera a questão do subjetivo e objetivo para dizer que não existe nem puro objetivismo ou subjetivismo. Ou ainda, que objetivo e subjetivo são partes sinérgicas e reversíveis de um mesmo todo, da mesma forma que uma relação Gestalt de figura fundo. Cabe, agora, a apresentação do método fenomenológico em sua operacionalidade, ou seja, sua adequabilidade, funcionalidade e veracidade.

#### **1. Adequabilidade do método fenomenológico**

Giorgi ( 1970, 1971 ) mostra que o uso exclusivo do método experimental limitou em muito o panorama geral da psicologia. Num

contraste entre o método experimental e o método fenomenológico, o Autor reconhece que o primeiro tem sido útil para o estudo de fenômenos tais como: sensação, percepção, condicionamento, aprendizagem, tempo de reação, memória, fisiologia das emoções e motivação. Contudo, existem outros fenômenos humanos que também merecem atenção, tais como: amor, criatividade, curiosidade, formação do sentido, compreensão, sentimentos, etc. Além disto, o método fenomenológico pode abordar fenômenos tradicionais, tais como aprendizagem e motivação, de maneiras novas. Giorgi vê no método fenomenológico uma maneira de libertar a psicologia de restrições e limites artificiais.

Mas, como pode o método fenomenológico tomar o lugar de premissas estabelecidas, tais como, quantificação, medição, análise, causalidade, generalidade e objetividade? Para Giorgi (1971), a resposta está na natureza básica do sujeito humano enquanto uma criatura experiencial. Experiencial, no caso, refere-se à qualidade que é por sua vez a base para a formação do sentido. Assim, a abordagem para um estudo fenomenológico começa com uma "descrição verbal onde as idéias preconcebidas são isoladas". É estabelecida, portanto, a conexão com a primordialidade da fenomenologia que é o retorno para a coisa em si mesma. Neste caso, a coisa é o dado psicológico que responde pela situação e o contexto da ocorrência. O Autor mostra que o método fenomenológico preocupa-se com qualidade e não com quantidade, com significação e não com medição, com compreensão e não com explanação, com intencionalidade e não com causalidade, com similaridade temática e não com generalização, e com participação situacional e não com objetividade.

Para Giorgi (1975) o método fenomenológico constitui-se numa seqüência de três passos: descrição, redução e interpretação. A **descrição fenomenológica** é estruturada na narração de determinado episódio ou elaborada a partir dos resultados de um questionário com perguntas abertas ou, preferencialmente, nos dados de uma entrevista. Na **redução fenomenológica**, a narrativa-estrutura como descrição é tematizada e categorizada para a especificação das unidades de sentido. E, finalmente, na **interpretação fenomenológica** os resultados são discutidos e suas implicações examinadas, enquanto significações.

## 2. Funcionalidade do Método Fenomenológico

Giorgi indicou que o método fenomenológico preocupa-se com qualidades. Com Patton (1980) esta maneira qualitativa de fazer pesquisa alcança uma dimensão interdisciplinar. Baseado na fenomenologia, interacionismo simbólico, behaviorismo naturalista, etnometodologia e psicologia ecológica, o Autor apresenta uma introdução compreensiva para a aplicação da pesquisa qualitativa. O Autor preocupa-se inicialmente com a relação entre a metodologia da pesquisa e a situação empírica. Pro-

põe, então, que num mundo complexo de realidades múltiplas, o pesquisador deve estar preparado para lidar, não somente com uma, mas com várias possibilidades metodológicas. Cabe ao pesquisador decidir a aplicação de qual metodologia para qual situação.

Patton interessa-se particularmente no uso do método qualitativo para a avaliação de programas educativos. Contudo, a maneira com que o Autor articula problemas teóricos e práticos faz do seu livro um tratado para a compreensão da pesquisa qualitativa ( ou naturalista ) de um modo geral.

O dado qualitativo é definido como:

a descrição pormenorizada de situações, eventos, pessoas, interações, comportamentos: citações diretas de pessoas sobre suas experiências, atitudes, crenças e pensamento; ou passagens inteiras de documentos, correspondência, registros e estudo de caso. ( p. 22 ).

O Autor difere medidas quantitativas das qualitativas mostrando que as primeiras são "sucintas, parcimoniosas e facilmente agregadas para análise" ( p. 28 ), enquanto a segunda é "extensa, mais pormenorizada e de conteúdo variável" ( p. 28 ). A vantagem da medida qualitativa é que ela "habilita o pesquisador para entender e captar os pontos de vistas das outras sem pré-determiná-los através da seleção a priori de categorias de perguntas" ( p. 28 ). Em suma, o dado qualitativo coloca o pesquisador mais perto do fenômeno. Existe assim uma relação direta entre o pesquisador e a observação, o que não acontece naquelas condições onde construções estatísticas criam uma mediação abstrata entre o pesquisador e a observação.

Patton levanta ainda o problema da relação entre ideologia e paradigma científico. Ele afirma que "decisões sobre planejamentos de pesquisa em bases estatísticas estão longe de serem neutros, objetivos ou racionais: tais decisões são políticas, subjetivas e convenientes" ( p. 85 ).

Patton preocupa-se também com a coleta e a análise do dado. Para coletar o dado, ele sugere algumas técnicas de observação e entrevista. Na observação, ele está preocupado com a relação entre o pesquisador e a situação desde que a sua presença enquanto observador pode alterar a própria situação. Contudo, esta é a limitação a que estão condenadas todas as pesquisas ou programas de avaliação. Este aspecto de pesquisa empírica na ciência humana é identificada por Strasser ( 1980 ) como a relação dialética entre observador e situação. Para Patton, "a questão é de como monitorar estes efeitos e tomá-los em consideração quando na interpretação do dado" ( p. 189 ). Na entrevista, ele descreve os tipos básicos da indagação qualitativa ( entrevista do tipo conversação informal, entrevista do tipo orientação tópica e entrevista do tipo padronizada com respostas

abertas). O Autor também orienta quanto ao uso de instrumentação para o registro do dado, seja através de gravações (teipes), transcrições ou apontamentos.

A análise da interpretação do dado segue um esquema de três passos que equivale ao método fenomenológico de Merleau-Ponty (1962); descrição qualitativa (o que acontece na situação e como está sendo entendida no ponto de vista do sujeito — equivalente à descrição fenomenológica na linguagem de Merleau-Ponty); a análise indutiva (as estruturas, os temas e as categorias que emergem do dado — equivalente à redução fenomenológica de Merleau-Ponty); e a análise lógica (as descobertas e perspectivas que emergem das categorizações — equivalentes à interpretação fenomenológica de Merleau-Ponty).

Patton inclui em sua discussão as implicações do método qualitativo em termos de teoria, verdade e generalização. Assim, nos métodos quantitativos, teoria é *a priori*, verdade é singular e externa e generalização é a validade externa. Em contraste, no método qualitativo, teoria é vista como *a posteriori* e emergente, verdade é múltipla e interna e generalização é um conceito ambíguo e relativo. Este problema de verdade e generalização é retomado nas considerações sobre os trabalhos de Guba (1981, 1982) e Krumer (1982) na próxima seção.

### 3. Veracidade do Método Fenomenológico

Guba (1981, 1982) apresenta um contraste esclarecedor entre os métodos quantitativo e qualitativo com respeito à problemática de conclusões verídicas, aplicabilidade, consistência e neutralidade. Guba (1981) revisa o critério básico da investigação quantitativa (validade interna, validade externa, confiabilidade e objetividade) e sugere suas alternativas qualitativas (credibilidade, transferibilidade, dependabilidade e confirmabilidade).

Nos estudos quantitativos, sabe-se que validade interna refere-se à capacidade de um determinado arranjo estatístico controlar interferências de variáveis competitivas e estimar o relacionamento entre sujeitos (a amostra) e situação (população). Validade externa refere-se à generalização ou extensão dos resultados da pesquisa para outros sujeitos em outras situações similares. Confiabilidade refere-se à consistência dos achados quando generalizado de um grupo para outro grupo de sujeitos similares. E, finalmente, objetividade é pertinente para evitar a interferência dos preconceitos (crenças e valores) do investigador.

O método quantitativo controla a possibilidade de erro em cada uma das suas categorias de pesquisa através de técnicas tais como: seleção aleatória para observar a validade interna; amostragem para obter validade externa; replicabilidade para assegurar confiabilidade; e objetivi-

dade ou distância entre o experimentador e o experimento para manter a neutralidade. A operação satisfatória destes mecanismos de controle evita a contaminação, quebra de contexto, inconsistência e viés.

Guba ( 1981, 1982 ) demonstra que métodos qualitativos, mesmo operando em bases diferentes, preocupam-se também com veracidade, aplicabilidade, consistência, e neutralidade. Como se sabe, o método fenomenológico, que é um modelo qualitativo de pesquisa, constitui-se numa seqüência progressiva e sinérgica de três reflexões: descrição, redução e interpretação. Assim, o problema da verdade está diretamente relacionado com a veracidade da interpretação. Considerando que a interpretação é a reflexão da descrição, é necessário que ela englobe todas as complexidades e sutilezas da situação nas suas diferentes estruturas e variações temáticas. De acordo com Guba (1981), este procedimento sistemático para uma indagação qualitativa responde por sua credibilidade.

A descrição qualitativa refere-se ao fenômeno social e comportamental enquanto processo contínuo, mas marcado por descontinuidades, numa perspectiva espaço-temporal. Desta forma, não é possível a generalização de fenômenos sociais ou comportamentais sem as devidas limitações e qualificações. Assim, o método qualitativo não procura por identidades ( o propriamente generalizável ), mas por similaridades ou variações temáticas. Guba (1981) chama de transferibilidade a aplicação de um achado qualitativo para um contexto similar. Contudo, o achado qualitativo está primordialmente preso a um contexto, o que significa que, no caso de convergência ou divergência, o grau de transferibilidade deve ser indicado.

Em termos de instrumentação, no método quantitativo o investigador é considerado como separado do instrumento, enquanto no método qualitativo o investigador é considerado uma parte do instrumento. Mas, radicalmente, pode-se dizer que o investigador é o instrumento. Esta condição implica na existência de possíveis instabilidades nos achados de um método qualitativo. Para o controle destas instabilidades aconselha-se o uso de diferentes protocolos, métodos de registro e investigadores. Para esta operação, Guba (1981) dá o nome de dependabilidade, que é o critério usado por medidas qualitativas para assegurar a estabilidade do dado.

Em relação, esta condição de investigador como instrumento, existe ainda a possibilidade da interferência de crenças e preferências do investigador. Guba (1981) sugere o mesmo cuidado e procedimentos usados no controle da credibilidade e dependabilidade, que é o uso de diferentes medidas e pesquisadores. Esta metodologia dá uma base para a comparação de julgamentos e interpretações. Guba (1981) define confiabilidade como sendo o sistema de medidas usadas para verificar a acurácia da interpretação do investigador.

Este resumo de Guba (1981) é apenas uma indicação da importância da veracidade das conclusões no método qualitativo. Em suma,

Guba discute o problema do erro em métodos qualitativos e sugere quatro critérios para assegurar que resultados qualitativos podem ser plausíveis, relevantes contextualmente, estáveis e livres da interferência do investigador. O estudo de Guba (1981) e seu subsequente livro (1982) é, portanto, obrigatório para aqueles interessados no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa sistemática.

Neste ponto, é pertinente a lembrança dos trabalhos de Colaizzi (1971) e Kruger (1981) sobre o problema do erro em estudos qualitativos. Colaizzi identifica duas fontes de erro no método fenomenológico: excesso de simplificação e distorção. Kruger (1981) concorda que a significância de qualquer esforço científico apoia-se na validade do consenso dos resultados. O Autor oferece as seguintes considerações sobre julgamentos qualitativos.

O critério para validade não é a certeza de que outro pesquisador ( ou juiz ) usaria exatamente a mesma palavra ou chegaria a descrições idênticas do dado.

Com efeito, validade é indicado como se tais diferenças em palavras podem ser entendidas intersubjetivamente para refletir um significado idêntico ou indicar temas essenciais similares àqueles que emergem do dado como explicados pelos pesquisadores originais. Em resumo, é essencial que qualquer forma de pesquisa inspirada em fenomenologia preencha, no mínimo, os seguintes critérios:

1. A situação da pesquisa-entrevista deve abranger toda a experiência, isto é, todo o seu significado estrutural.
2. Temas essenciais devem ser extraídos de suas várias manifestações.
3. Explicações de protocolos devem estar preocupados com o significado do dado na perspectiva do participante.
4. A dialética entre abordagem, método e conteúdo deve ser mantido. Ou seja, o método e conteúdo da abordagem fenomenológica devem refletir seus entendimentos da condição humana ( p. 131 ).

#### **4. Método Fenomenológico: A práxis**

Por fim, é oportuno ilustrar toda esta discussão com um exemplo do método fenomenológico enquanto práxis. É o que veremos a seguir. Colaizzi ( 1971 ) estudou os aspectos experienciais da aprendizagem em 22 estudantes universitários de ambos os sexos. Enquanto a pesquisa tradicional de aprendizagem concentra-se no desempenho do aprendiz, Co-

Colaizzi preocupa-se com a percepção emergente através de um contato progressivo com o material. Assim, submete os sujeitos a três diferentes listas de sílabas sem sentido que são aplicadas em três sessões consecutivas, com um intervalo entre elas de uma semana. Cada aplicação solicitou aos sujeitos o desempenho de uma tarefa específica que eram, na verdade, variações de uma tarefa básica. Seguindo os três passos do método fenomenológico ( descrição, redução e interpretação ) foi possível compreender as variações da percepção durante o experimento. Com efeito, a percepção movimenta-se da compreensão geral da experiência da situação para a compreensão da experiência da aprendizagem e, então, para a compreensão da experiência do material em foco. Deve-se ressaltar que:

enquanto o material como um dado físico permanece constante, aparece fenomenologicamente diferente para o aprendiz nas diferentes etapas do processo de aprendizagem." (p. 109)

Colaizzi sustenta que seus achados apoiam a tensão dialética que existe entre o dado experiencial e o dado comportamental e mostra a natureza emergente do conhecimento. Para o Autor, o conhecimento origina-se de uma certa perspectiva de espaço e tempo, isto é, mostra-se num processo de tornar-se, que é o diálogo entre o dado ( componente comportamental ) e sua aparência ( componente experiencial ). E é este intercâmbio entre o dado ( o invariante ) e o capta ( o variante ) que constitui a significação.

## EPIÍLOGO

Em conclusão, este estudo mostrou, em três diferentes tempos, a questão do eidético e do empírico no método fenomenológico, sendo o próprio estudo, em termos estruturais, uma ilustração do método. Assim, o estudo tomou: na primeira parte, a concepção teórica da fenomenologia como a descrição; na segunda, a operacionalização da fenomenologia enquanto práxis como redução e; na terceira parte, o exemplo da pesquisa empírica emerge como uma interfusão do eidético e do empírico constituindo-se na interpretação.

## ABSTRACT

*This paper is a review of the theoretical argument of the phenomenological method ( the eidetic ) and its praxis ( the empirical ). It is organized into three parts; (1) it reconstitutes the theoretical argument of phenomenology and its viability as a rigorous sciences; (2) it indicates the possibilities of using the phenomenological method for applications on psychology and the human sciences; and (3) it illustrates*

*the application of the phenomenological method with a presentation of a brief report on an empirical research.*

## REFERÊNCIAS

- COLAIZZI, P. F. Analysis of the learner's perception of learning material at various phases of a learning process. In A. Giorgi, W. F. Fischer & R. Von Eckartsberg (orgs.), **Duquesne studies in phenomenological psychology: Volume I**. Pittsburgh, Duquesne university Press, 1971.
- GIORGI, A. Phenomenological and experimental psychology: I and II. In A. Giorgi, W. F. Fischer & R. Von Eckartsberg (orgs.), **Duquesne studies in phenomenological psychology, Volume I**. Pittsburg, Duquesne University Press, 1971.
- GIORGI, A. The meta-psychology of Merleau-Ponty as a possible basis for unity in psychology. **Journal of Phenomenological Psychology**, 1974, 5: 53-74.
- GIORGI, A. An application of phenomenological method in psychology. In A. Giorgi, C. Fischer & E. Murray (Orgs.) **Duquesne studies in phenomenological psychology: Volume II**. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1975.
- GUBA, E. G. Criteria for assessing the trustworthiness of naturalistic inquiries. **Educational Communication and Technology Journal**, 1981, 29: 74-91.
- GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S. **Effective evaluation: In proving the usefulness of evaluation results through responsive and naturalistic approaches**. San Francisco, Jossey-Bass, 1982.
- HEIDEGGER, M. Being and time ( Trad. J. Macquarrie & E. Robinson ). New York, Harper & Row, 1962 ( Publicação original em alemão, 1927 ).
- LANIGAN, R. L. Semiotic phenomenology: A theory of human communication praxis. **Journal of Applied Communication Research**, 1982, 10 (1): 62-73.
- KOCKELMANS, J. J. (Org.) **The philosophy of Edmund Husserl and its interpretation**. Garden City, N. Y., Anchor Books, 1967.
- KRUGER, D. **An introduction to phenomenological psychology**. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1981.
- McGUIRE, M. Phenomenological research into communication: Potencial and Pitfalls. In S. Deetz (org.) **Phenomenological research in rhetoric, language, and communication: Doctoral honors seminar proceedings**.

Carbondale, III, Departaments of Speech Communication SIU/Speech Communication Association.

**MERLEAU-PONTY, M. Phenomenology of perception** ( Trad. C. Smith ). London, Routledge & Kegan Paul, 1962 ( publicado originalmente em francês, 1945 ).

**MERLEAU-PONTY, M. The primacy of perception** ( J. M. Edie – org. ) Evanston, Northwestern University Press, 1964.

**MISIAK, H. &SEXTON, V. S. Phenomenological existencial and humanistic psychologies.** New York, Grune &Stratton, 1973.

**PATTON, M. O. Qualitative evaluation methods.** Beverly Hills, Sege, 1980.

**RYCHLAK, J. F. Introduction to personality and psychotherapy.** Boston, Houghton Mifflin, 1981.

**SPIEGELBERG, H. Phenomenology in psychology and psychiatry: A historical introduction.** Evanston. Northwestern University Press, 1972.

**STRASSER, S. Phenomenology and the human sciences.** Pittsburgh, Duquesne University Press, 1980.